

Faculdade Batista
Pioneira



GIOVANI SCHUBERT

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A
COMUNICAÇÃO DO EVANGELHO ENTRE A CULTURA
GAÚCHA**

IJUÍ
2019

GIOVANI SCHUBERT

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A COMUNICAÇÃO DO
EVANGELHO ENTRE A CULTURA GAÚCHA**

Trabalho de conclusão apresentado para cumprir as exigências da disciplina de supervisão de pesquisa do curso de Bacharelado em Teologia, ministrada pela Dra. Marivete Zanoni Kunz.

Orientador: Me. Gabriel Giroto Lauter

IJUÍ/RS

2019

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A COMUNICAÇÃO DO
EVANGELHO ENTRE A CULTURA GAÚCHA**

Autor: **Giovani Schubert**

Orientador do Conteúdo: **Me. Gabriel Giroto Lauter**

Avaliador de Forma: **Me. Josemar Valdir Modes**

Avaliador de Português: **Esp. Luciano Gonçalves Soares**

Avaliador Final: **Me. Erich Luiz Leidner**

Aprovada em: ____/____/____

IJUÍ
2019

RESUMO

Nesta pesquisa buscou-se entender se as igrejas batistas pioneiras do Rio Grande do Sul perceberam a necessidade de preparar líderes para o contexto gaúcho, ou se as igrejas formaram uma cultura paralela à cultura regional. Para isso, realizou-se uma pesquisa de campo com 32 líderes da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, Regional Tchê. O primeiro capítulo apresentou a origem da cultura gaúcha e seus elementos, o segundo capítulo expôs a pesquisa de campo, incluindo a exposição e a análise gráfica das respostas dos líderes e o terceiro capítulo mostrou as bases e a importância de ter uma igreja contextualizada.

Palavras-chaves: Cultura. Evangelho. Gaúcho. Igreja. Contextualização.

ABSTRACT

This research sought to understand if the Pioneer Baptist Churches of Rio Grande do Sul have realized the need to prepare leaders to be a part of the regional context, or if the churches have formed a culture parallel to the one already present in the state. For this purpose, a field research was performed among 32 leaders of the Pioneer Baptist Convention of the South region of Brazil, "Regional Tchê". The first chapter presented the "gaúcha" culture origins, the second chapter was to expose the field research including the exposition and the graphic analysis of the responses of the leadership and the third chapter has shown the bases and the importance of having a contextualized church

Keywords: Culture. Gospel. Gaúcho. Church. Contextualization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráficos

Gráfico 01 - Nível de envolvimento da igreja local com a cultura gaúcha.....	21
Gráfico 02 - Importância da igreja estar inserida na cultura local.....	22
Gráfico 03 - Nível de importância de membros da igreja frequentarem CTGs.....	25
Gráfico 04 - Nível de conhecimento dos líderes sobre A cultura gaúcha.....	27
Gráfico 05 - Envolvimento dos líderes com evangelismo dentro da cultura gaúcha....	28
Gráfico 06 - Condições dos líderes de contribuir com maior envolvimento entre a igreja e a cultura gaúcha.....	29
Gráfico 07 - Visão ética dos líderes sobre a participação de cristãos em CTGs.....	30
Gráfico 08 - Esforço realizado pelos líderes para aprender sobre a cultura gaúcha....	31
Gráfico 09- Envolvimento dos líderes com evangelismo em geral.....	32

Tabelas

Tabela 01- Maiores dificuldades para o envolvimento entre a igreja e a cultura.....	23
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. HISTÓRIA E ELEMENTOS CULTURAIS DO POVO GAÚCHO	10
1.1 Origem do Gaúcho	10
1.1.1 Origem e significado da palavra gaúcho	11
1.1.2 Primeiros registros.....	12
1.2 Origem da cultura gaúcha	13
1.3 Regionalismo	14
1.4 Movimento tradicionalista gaúcho	14
1.4.1 Características de movimento	14
1.4.2 CTGs	15
1.4.2.1 O primeiro CTG.....	15
1.4.2.2 A organização dos CTGs.....	16
1.4.3 MTG	16
1.4.3.1 CBTG.....	17
1.4.3.2 CITG	17
1.5 Elementos da cultura	17
1.5.1 Chimarrão.....	17
1.5.2 Cavalo Crioulo	18
1.5.3 Laçador	19
1.5.4 Gaita.....	19
1.5.5 Churrasco.....	19
2. PERCEPÇÕES DOS LÍDERES EVANGÉLICOS DA REGIONAL TCHÊ DA CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL ACERCA DA CULTURA GAÚCHA	21
2.1 Igreja e cultura	21
2.2 Importância da cultura regional para os líderes	25
3. BASES PARA COMUNICAÇÃO ENTRE A IGREJA E A CULTURA	34
3.1 Deus fez a cultura	34
3.2 Saindo do dualismo	35
3.2. Mantendo a ética cristã	36
3.2 Projetos existentes de evangelismo dentro da cultura gaúcha	37
3.2.1 Músicas e poemas.....	37
3.2.2 Obras literárias	37
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	41

APÊNDICES43
ANEXOS47

INTRODUÇÃO

A relação entre a igreja e a cultura é um tema muito importante pois uma abordagem adequada permite que se possa anunciar a mensagem de Cristo de uma forma que o povo local compreenda, além de permitir preservar a cultura na qual a igreja está inserida. No Rio Grande do Sul a cultura gaúcha se faz muito ativa e presente, enquanto a igreja, muitas vezes, encontra grande dificuldade de crescimento no Estado. Por isso, o tema da pesquisa é saber como está esse relacionamento entre a igreja Batista Pioneira do Sul do Brasil na regional Tchê com a cultura gaúcha.

Os costumes do povo gaúcho e os elementos que compõem tão rica cultura são descritos e apresentados ao leitor, para que o mesmo se familiarize com a história desse povo do Sul do Brasil. Identificar qual é o posicionamento da igreja para com a cultura é importante afim de entender se existe uma relação entre o baixo índice de crescimento e a negligência da igreja com a cultura local.

É necessário saber se a igreja tem preparado a liderança para trabalhar com a cultura gaúcha, conhecer qual o nível de conhecimento e envolvimento dos líderes com a cultura local do Rio Grande do Sul ajuda a entender se a igreja está fazendo parte da cultura do povo ou tem se tornado uma cultura paralela, o que pode dificultar muito a pregação do Evangelho.

Para chegar a uma resposta será apresentado um questionário desenvolvido e apresentado ao Comitê de Ética, do qual recebeu a aprovação para a pesquisa de campo. Foram enviados mais de 150 questionários para os líderes das igrejas locais da Convenção Batista Pioneira na regional Tchê, tendo o retorno de 32 formulários, cujas respostas serão analisadas e expostas em gráficos no capítulo 2.

A pesquisa de campo também buscará entender quais as maiores dificuldades segundo os líderes para um envolvimento entre a igreja e a cultura, e quais as perspectivas e condições para estreitar esse relacionamento. A pesquisa ajudará a entender a profundidade do conhecimento dos líderes sobre a cultura gaúcha e qual o nível do interesse dos líderes em fazer parte da cultura local. (Instrumento de Coleta de Dados no final como APÊNDICE 1). Será utilizada no decorrer do capítulo 2 com a intenção de reforçar o conteúdo pesquisado bibliograficamente, e ao mesmo tempo contextualizá-lo.

Já o capítulo 3 vai trazer a importância desse relacionamento entre a igreja e a cultura, as bases bíblicas e missiológicas que devem assegurar esse pensamento e algumas das possíveis causas e consequências que estão presentes quando acontece o afastamento entre a igreja e a cultura. Algumas obras e trabalhos feitos especialmente para a cultura gaúcha serão apresentados e analisados.

A igreja precisa estar ciente da importância de levar a cultura local em consideração para pregar o evangelho, mas para isso é necessário conhecer a cultura e estar inserida nela, podendo, assim, falar a linguagem do povo de uma forma que a mensagem do evangelho seja prática e compreensível para o gaúcho. Com isso, a igreja garante a preservação da cultura local que deve ser respeitada e levada em consideração, estabelecendo uma comunicação saudável para ambos.

1. HISTÓRIA E ELEMENTOS CULTURAIS DO POVO GAÚCHO

A História do povo gaúcho é riscada por guerras e lutas, glórias e preconceitos, mas também é rica nos seus valores. Ela conta com seus heróis e exemplos. A origem do seu povo é de um misto do índio com o europeu, povo que lidava com o gado inicialmente selvagem trazido da Europa, que se reproduziu no Rio Grande de forma livre.¹ Os elementos que compõem essa rica cultura são principalmente o cavalo crioulo, erva-mate e o churrasco, entre outros elementos que têm seus significados firmes na história desse povo.² Entender seus elementos e sua história é fundamental para a criação de pontes de comunicação com o povo local do sul do Brasil.

1.1 Origem do Gaúcho

Definir onde começa a origem do gaúcho é difícil, devido à miscigenação de culturas e os poucos relatos iniciais. Contudo, segundo Moacyr Flores, é possível começar analisando a região geográfica chamada savana, que se estende por uma parte da Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul, denominada como Pampa, que era ocupada antes da colonização por índios charruas e minuanos, os quais detinham a maior parte do território, e algumas outras tribos como os *chánas*, *guenoas* e *iarós*, os quais o historiador Eduardo Bueno confirma em seu vídeo sobre os índios do Sul.³ Eram índios que não tinham aldeias estabelecidas, viviam como nômades, alimentando-se de coletas de frutas e principalmente da caça, mas a imigração dos colonizadores europeus, tanto espanhóis como portugueses, fez com que surgisse ali um novo tipo social: o gaúcho ou gaudério, um tipo sem pátria e sem lar, formado por desertores e fugitivos, os quais levavam a vida no campo de forma mais livre possível, sustentados pela grande quantidade de gado que se criou de maneira selvagem e sem dono, garantindo a sobrevivência dessa mescla de europeus com indígenas, marginalizada pela sociedade latifundiária da época, que se dedicava à pecuária extensiva.⁴

¹ DELAZERI, Jatir. **Origem e evolução do gaúcho no RGS e no Brasil**. 25 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bIFKo1tKRMk>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

² CHERINI, Giovani. **Símbolos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2014, p. 2.

³ BUENO, Eduardo. **Índios do Sul**. 13 fev. 2019. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=3eRYXtiXOR0>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

⁴ FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. 9.ed.rev.ampl. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2013, p. 68.

Ainda segundo Moacyr Flores, existem duas correntes sobre a origem do gaúcho, uma formada em documentos e em crônicas de viajantes que apontam o gaúcho no sentido pejorativo, já que viviam em bando e em terras sem dono, e a outra corrente mítica, criada pelos intelectuais através de contos e poesias.⁵ Outros historiadores apontam que é mais sensato pensar que aos poucos o termo *gaúcho* passou a designar o peão, que vivia do trabalho braçal relacionado com a vida do campo, com valores e família, como relatam os contos e poesias sobre os mesmos. Assim, não seriam duas vertentes separadas, mas continuadas de acordo com o decorrer da história.⁶

O latifúndio, que concentra grande extensão de terra em mãos de poucos, gerou muita miséria, desemprego e exclusão social. O gaúcho nada mais era que um excluído, que obtinha trabalho no período da safra das charqueadas e nos rodeios. Por esse motivo, ele respeitava a propriedade de determinados estancieiros, garantindo o emprego na próxima safra. Para entender por que os gaúchos eram, na maioria inicialmente desertores, é necessário lembrar que naqueles tempos o soldado servia por seis anos, sofrendo castigos corporais e até mesmo atrasos de dispensa. Ser um desertor era um meio de garantir a sobrevivência.⁷

Nicolau Dreys, em 1839, classificou o gaúcho como um integrante de uma sociedade *agine* (sem mulher), formada originalmente do contato da raça branca com a indígena.⁸ O gaúcho típico é a síntese da mistura racial, moldado em uma história feita a ferro e fogo. Os sulistas são de fato tipos muito variados devido a sua miscigenação. Têm brancos de pele clara, morenos de cabelos crespos, mestiços com traços indígenas. Não existe um estereótipo definido.⁹

1.1.1 Origem e significado da palavra gaúcho

Em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, Câmara Cascudo diz sobre o verbete gaúcho: gaudérios, que define, do verbo latino *gaudere* -folgar, regozijar-se. Tudo isso vem para sintetizar a liberdade cultuada pelo gaúcho na sua origem.¹⁰

⁵ FLORES, 2013, p. 68.

⁶ SOUZA, Ariovaldo Pereira de. **Síntese histórica do Rio Grande do Sul**. 3.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2017, p.19.

⁷ FLORES, 2013, p. 68.

⁸ FLORES, 2013, p. 69-70.

⁹ SOUZA, 2017, p. 20.

¹⁰ SOUZA, 2017, p. 20.

Em alguns versos, Jayme Caetano Braun expressa seu sentimento em relação à origem da palavra gaúcho:

E, se a origem da palavra gaúcho é controvertida,
Sabemos- não foi parida raça de tais sentimentos,
Porque Deus que com talentos moldou-lhe o xucro *debucho*,
Depois que fez o gaúcho,
Botou fora os instrumentos.¹¹

Há muitas especulações sobre a origem do termo gaúcho, mas infelizmente ninguém a decifrou definitivamente; sendo assim, fica aberta essa questão. Porém, a origem nem fica com o foco do valor quando se entende o significado, e nisso a maioria dos pesquisadores concorda: ser gaúcho não é uma raça, mas um tronco socioeconômico com características próprias, um ser miscigenado que habitava a Argentina, o Uruguai e, no Brasil, o Rio Grande do Sul. Nômades, excelentes cavaleiros, extremamente corajosos e, ao contrário da atual sociedade, desprendidos de tudo, inclusive da vida.¹²

1.1.2 Primeiros registros

Segundo Emílio Coni, o primeiro registro do tipo gaúcho surgiu em Santa Fé, em 1617, quando moços perdidos com roupas semelhantes aos índios charruas, com botas de garrão de potro, *chiripá* e poncho, assaltavam as estâncias. Existem relatos assim em Buenos Aires em 1642, que relatam moços da mesma maneira de Santa Fé, roubando gado das estâncias. Alguns anos depois, cartas dos jesuítas registram, em 1686, homens chamados de “vagos” ou “vagabundos” pilhando as estâncias missioneiras¹³.

Mas esses moços perdidos, os quais foi registrado em Buenos Aires, eram chamados assim por serem avessos à urbanidade, tinham a liberdade quase como obrigação, refratários à lei dos homens e a qualquer outro modo de vida que não fosse o das imensidões dos campos, onde com os animais selvagens desenvolveram grande habilidade na doma do cavalo e na lida com o gado.¹⁴

¹¹ SOUZA, 2017, p. 20.

¹² SOUZA, 2017, p. 22.

¹³ FLORES, 2013, p. 68.

¹⁴ SOUZA, 2017, p. 22.

O Termo *gaúcho* se tornou mais popular a partir de 1800. Um dos fatores foi o relato do sargento-mor José de Saldanha sobre o ataque aos Sete Povos, em 1801, por tropas portuguesas e pelos gaúchos, que tomaram a guarda de São Martinho.¹⁵

Saint-Hilaire, em 1820, estabeleceu a diferença entre o campeiro que trabalhava nas estâncias e o gaúcho pilhador e ladrão, que entrava em exércitos tanto portugueses quanto espanhóis apenas para saquear, não entendendo o significado de pátria.¹⁶

Foi depois da Guerra dos Farrapos, já na segunda metade do século 19, que a palavra *gaúcho* passou a ter o significado gentílico a designar quem nasce no Rio Grande do Sul, e continua assim até os dias atuais. Assim descrevem alguns escritores.¹⁷

1.2 Origem da cultura gaúcha

Na descrição de Nicolau Dreys, o gaúcho vestia-se com uma mescla de roupas indígenas e parte de roupas europeias, andava armado sempre de faca, laço e boleadeiras, não deixava o cavalo nem mesmo para curtas distâncias, característica que adotou dos índios charruas, vestia-se de *chiripa*, que é um pano enrolado na cintura, podendo lembrar uma espécie de saia indígena, que mais tarde trocou pela bombacha, tendo por cima um cingidor, espécie de avental de couro destinado a receber a fricção do laço, uma camisa, jaqueta sem mangas, um lenço na cabeça ou um chapéu, Como entretenimento tinha o jogo tanto de cartas como apostas em corridas de cavalo de cancha reta.¹⁸

O Rio Grande do Sul é um mosaico cultural. Isso identifica a origem da cultura gaúcha, que, graças ao processo de imigração e de colonização junto com os índios locais, gerou essa mistura de elementos e vestimentas que deram origem ao que se tem hoje na cultura gaúcha, definido como traje oficial e elementos culturais.¹⁹

¹⁵ Conselho Ultramarino, Cx. 5, Doc. 401.

¹⁶ FLORES, 2013, p. 69.

¹⁷ SOUZA, 2017, p. 19.

¹⁸ FLORES, 2013, p. 70.

¹⁹ FLORES, 2013, p. 72.

1.3 Regionalismo

O regionalismo surgiu de uma corrente literária do Romantismo, que contava um conflito entre o campo e a cidade, sendo a cidade apresentada como um mal à tradição, já que a base da cultura gaúcha é formada pelo homem do campo.²⁰

No começo das obras escritas em forma de romance, a separação do gaúcho e do campeiro era visível, mas, com o passar do tempo, tudo se misturou, não podendo mais se identificar as diferenças. O primeiro caso foi em 1865, quando o alemão Carlos von Koseritz editou "A Campanha da Província do Rio Grande do Sul"²¹, exaltando os habitantes, e confundindo os gaúchos com os campeiros. Em 1883, já conhecendo melhor a Campanha, usa em seus relatos o termo *peão*, *tropeiro* e *rio-grandense*, sem se referir ao gaúcho, mas agora já estava feito.

Oliveira Belo, no romance Farrapos, de 1877, escreveu que o gaúcho é o mesmo monarca das coxilhas, iniciando o ciclo do gauchismo, que mais tarde é continuado com João Cezimbra Jacques, que em 1883 publicou Costumes do Rio Grande do Sul e mais posteriormente em 1912, Assuntos do Rio Grande do Sul.

João Cezimbra Jacques deu um passo importante no movimento tradicionalista, criando em 1898 o Grêmio Gaúcho, com o objetivo de preservar as tradições da cultura e a memória de homens como Bento Gonçalves e David Canabarro.

Depois de algumas obras publicadas e a chama do movimento tradicional já ardendo na cultura do povo do Rio Grande do Sul, surge em 1937 a lei que mandou fechar todas as instituições regionalistas a mando do Estado Novo, movimento nacionalista, mas, seja como for, não foi o suficiente para apagar o que já tinha sido aceso e, em 1947, é fundado o 35º CTG.²²

1.4 Movimento tradicionalista gaúcho

1.4.1 Características de movimento

São características do movimento a direção, a velocidade, o sentido e aceleração transferindo essa definição de sentido de palavra para o movimento tradicionalista, chega-se à conclusão que, só após a fundação do primeiro CTG, o 35º

²⁰ FLORES. 2013. p. 70.

²¹ FLORES. 2013. p. 70.

²² FLORES. 2013. p. 71-72.

CTG de Porto Alegre, é que o tradicionalismo gaúcho começou a conquistar tal sentido, na totalidade das características e significados da palavra movimento.

Antes do 35º CTG, houve outras entidades com a filosofia de conservar a tradição e a memória dos heróis gaúchos, como o Grêmio Gaúcho, Centro Gaúcho e Clube Farroupilha, quem tinham a direção e o sentido, mas faltando a velocidade e a aceleração do alcance popular.²³

Por essa razão é que o 35º CTG recebe o título de pioneiro, mesmo não sendo a primeira entidade criada com a finalidade de resgatar a cultura e conservar as tradições gauchescas.²⁴

1.4.2 CTGs

1.4.2.1 O primeiro CTG

Surgido na capital gaúcha no dia 24 de abril de 1948, o 35º Centro de Tradições Gaúchas era formado inicialmente por homens, notoriamente jovens e estudantes, a maioria do Colégio Estadual Júlio de Castilhos e quase todos de origem do interior do Estado.²⁵

A Formação do 35º CTG foi a conquista mais importante das atividades que se iniciaram no dia 5 de setembro de 1947, quando o “grupo dos oito” recebeu os restos mortais de David Canabarro, tido como herói da Revolução Farroupilha pelos gaúchos. Por isso, alguns atribuem essa data de 1947 como o começo do movimento tradicionalista gaúcho. Esse mesmo grupo de jovens estudantes, no mesmo ano, realizou a primeira Ronda Gaúcha, hoje chamada de Festejos Farroupilhas, e com isso a criação do símbolo da Chama Crioula.²⁶

O primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o 35º CTG de Porto Alegre, surge com a força do movimento tradicionalista, sendo organizado simbolicamente como uma estância, pois possui patrão, capataz, peão, prenda e as invernadas, fazendo lembrar dos latifúndios de criação de gado, onde o homem do campo tem valor e se mescla com a identidade do gaúcho, que agora é uma coisa só.²⁷

²³ SAVARIS, 2017, p. 122.

²⁴ FLORES, 2013, p. 72.

²⁵ SAVARIS, 2017, p. 123.

²⁶ SAVARIS, 2017, p. 124.

²⁷ FLORES, 2013, p. 72.

Desde a sua fundação, o 35º CTG atraiu a atenção da sociedade, do governo do Estado, da imprensa e dos intelectuais. Muitas notícias e artigos foram publicados sobre essa nova entidade, demonstrando o interesse que gerou no povo e despertando ainda mais os olhos para o movimento. Nesse momento, ressurgia o sentimento cívico dos gaúchos, que por quase dez anos estiveram proibidos de hastear a bandeira do Estado e entoar o Hino Farroupilha, por conta das restrições emanadas do Estado Novo por Getúlio Vargas.²⁸

1.4.2.2 A organização dos CTGs

Depois do primeiro CTG, em menos de dez anos surgiram outros 37 Centros de Tradições Gaúchas, entre 1948 e 1954. As entidades tradicionalistas brotavam às dezenas de forma surpreendente, inclusive fora das fronteiras do estado do Rio Grande do Sul, surgindo a necessidade de uma base de sustentação e a definição de rumos claros para que o movimento não se perdesse em meio ao crescimento gigantesco.

Aconteceu, então, o primeiro Congresso Tradicionalista Gaúcho, em 1954, na cidade de Santa Maria. O grande mérito desse e dos demais congressos foi a definição de rumos claros e uma ideologia bem definida para o movimento, mantendo assim, com o crescimento os padrões homogêneos de procedimento e da possibilidade efetiva da participação de todos no movimento, que já no princípio se anunciava com uma força social impressionante.²⁹

1.4.3 MTG

Desde o segundo Congresso Tradicionalista, realizado em 1955, na cidade de Rio Grande, foi discutida a ideia da criação de uma federação estadual de CTGs. Por ocasião do 6º Congresso Tradicionalista, em 1959, foi criado um Conselho Coordenador, que tinha a função de zelar pelo cumprimento das resoluções tomadas nos congressos, orientando os filiados e fiscalizando o cumprimento do regimento interno.

Em 28 de outubro de 1966, por ocasião do 12º Congresso Tradicionalista, efetivado em Tramandaí, foi fundado o Movimento Tradicionalista Gaúcho, conhecido

²⁸ SAVARIS, 2017, p. 124.

²⁹ SAVARIS, 2017, p. 125.

com a sigla MTG, cuja função é cuidar do sistema federativo dos CTGs e da ideologia tradicionalista.³⁰

1.4.3.1 CBTG

Em termos de organização, surgiu a necessidade de uma estrutura organizadora em nível nacional, devido à abertura de novos CTGs em outros estados. Então, em 1987, depois de muitos debates e reuniões, nasceu a Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha- CBTG.³¹

1.4.3.2 CITG

Da mesma forma que se viu a necessidade de ter uma organizadora a nível nacional, também surgiu, devido ao crescimento do movimento a Confederação Internacional da Tradição Gaúcha- CITG, que inclui como países integrantes, o Brasil, a Argentina e o Uruguai. É importante entender que não se trata de uma entidade superior ao MTG e que ela não possui funções administrativas. Trata-se de uma organização com a ideia de facilitar as relações entre as instituições tradicionalistas gauchescas espalhadas pelo mundo.³²

1.5 Elementos da cultura

Conhecer os elementos que compõem a cultura gaúcha é importante para entender o movimento tradicionalista, pois é através desses elementos que se compreendem melhor alguns costumes dos gaúchos.

1.5.1 Chimarrão

A lei de número 11929,01 de 20 de junho de 2013, institui o chimarrão como bebida símbolo do estado do Rio Grande do Sul. Quando os europeus portugueses e espanhóis chegaram a América do Sul, os índios já faziam uso da erva-mate, seja para mascar as folhas ou para fazer a infusão. A região com maior número de ervais nativos eram aquelas que eram acompanhadas pelo Rio Uruguai, Paraguai e Paraná. Com a chegada dos padres jesuítas, o cultivo da erva-mate ganhou impulso e no período Missioneiro, de 1682 a 1756 tornou-se um dos principais produtos nativos comercializados para a Europa.

³⁰ SAVARIS, 2017, p. 125.

³¹ SAVARIS, 2017, p. 126.

³² SAVARIS, 2017, p. 126.

O chimarrão ou mate é feito com uso de uma cuia de porongo, na qual é colocada a erva mate moída e depois derramada a água quente. A água é sorvida com uma bomba de metal, mas na época dos indígenas e dos Jesuítas, por não disporem de metal, faziam as bombas de taquara. Quando a água é servida na temperatura ambiente ou de temperatura inferior, o mate se chama tererê.

No Rio Grande do Sul, o chimarrão adquiriu o status de bebida socializante, pois representa a hospitalidade do gaúcho.³³ Segundo o manual de tradicionalismo gaúcho editado pelo MTG, a ninguém se nega um mate, e a cuia de porongo passa de mão em mão, sem distinção de cor, sexo ou idade.³⁴

1.5.2 Cavalo Crioulo

O cavalo crioulo é o animal símbolo do patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul, por definição da Lei 11.826, de 26 de agosto de 2002. O cavalo foi introduzido na região platina entre Argentina, Uruguai e Paraguai, pelos espanhóis,³⁵ a partir do ano de 1532. Os primeiros registros de manadas de cavalos selvagens na Pampa uruguaia e no sul rio-grandense são de 1580.

Os índios *charruas* e *minuanos* aprenderam a domar esses cavalos selvagens e os usavam como principal meio de locomoção, antes mesmo da chegada dos Jesuítas em solo gaúcho. Sabendo que o gaúcho tem suas raízes na cultura dos índios charrua e minuano, percebe-se de onde surgiu o amor e o valor atribuído ao cavalo. A eficiência dessa doma permitiu que até hoje sejam usadas técnicas indígenas para o controle do animal.

A raça crioula está espalhada em todo o Brasil. A criação original deu-se no município de Uruguaiana, sendo considerado o primeiro cavalo crioulo o garanhão chamado *La Invernada Horneiro*. O cavalo crioulo é um animal compacto, apresenta a cabeça curta e larga, lembrando o formato de um cone, tem a face aberta com olhos expressivos, orelhas curtas e empinadas. Tendo peito largo e pescoço musculoso, o dorso é curto, de lombo forte e garupa musculosa, de patas curtas, porém fortes, e duras.³⁶

³³ CHERINI, Giovani. **Símbolos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2014, p. 7.

³⁴ SAVARIS, 2017, p. 96.

³⁵ CHERINI, 2014, p. 33.

³⁶ SAVARIS, 2017, p. 99.

1.5.3 Laçador

A lei 12.992, de 13 de junho de 2008, reconhece a Estátua do Laçador como escultura símbolo do Estado. A estátua do laçador, monumento que fica no Sítio do Laçador em Porto Alegre, é uma criação do escultor pelotense Antônio Caringi, idealizada no ano de 1954, tendo como modelo João Carlos Paixão Côrtes, um dos criadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho, que com as roupas típicas de um laçador aos seus 28 anos, serviu de modelo para a criação da escultura.³⁷

A inauguração da estátua aconteceu em 20 de setembro de 1958. Possui 4m e 45cm de altura, com o peso de 3,8 toneladas, feita em bronze e está sobre um pedestal de granito de 2 metros e 10 centímetros. No ano de 1991, por votação popular a Estátua do Laçador foi escolhida como símbolo da cidade de Porto Alegre, sendo essa decisão oficializada pela Câmara de Vereadores no ano de 1992.³⁸

1.5.4 Gaita

A lei 13.513, de 8 de setembro de 2010, oficializou a gaita como instrumento musical símbolo do Rio Grande do Sul. A gaita, no sul do Brasil, é um instrumento de origem alemã, composta por um fole e duas caixas harmônicas de madeira e palhetas. A primeira gaita que chegou no Brasil era um acordeom cromático de 120 baixos, que era utilizada por diversos povos alemães, italianos, portugueses, franceses e espanhóis, e, já antes de chegar ao Brasil, era usada em músicas folclóricas europeias, tais como fado, valsa e polca.³⁹

Os artistas da música gaúcha não dispensam o uso da gaita como instrumento por isso ela se tornou o instrumento símbolo do Estado. Devido ao gosto popular pelo instrumento, o estado do Rio Grande do Sul já chegou a ter mais de 20 fábricas do instrumento, como a Todeschini sendo a mais famosa entre elas.⁴⁰

1.5.5 Churrasco

A lei 11.929 estabelece o churrasco como comida símbolo do Estado do Rio Grande do Sul datada no dia 20 de junho de 2003. Definido como uma porção de carne ou pequeno animal sem tempero, assada geralmente no calor da brasa. No tempo em que o gado era abundante e criado de forma livre, o churrasco se constituiu

³⁷ CHERINI, 2014, p. 43.

³⁸ SAVARIS, 2017, p.101.

³⁹ SAVARIS, 2017, p. 102

⁴⁰ CHERINI, 2014, p. 50.

como principal comida pela praticidade do preparo e pela abundância da carne de gado. Não era um prato sofisticado, mas um prato possível e disponível para os gaúchos.

O churrasco tradicional é de carne de gado. Somente mais tarde é que se passou assar outros animais como ovelha, porco e as galinhas. Nos dias atuais, o churrasco tem o tempero do sal, mas originalmente, pela escassez do ingrediente, a carne era consumida sem tempero e mal passada.

A forma mais tradicional de assar o churrasco, no Rio Grande do Sul, é em um espeto colocado sobre o braseiro. Quando o pedaço de carne é muito grande, os espetos são colocados na vertical ao lado do braseiro. Os cortes da carne mudam de acordo com a região, mas de forma geral os cortes mais comuns são: costela, picanha, alcatra, ponta de alcatra, chuleta e contrafilé.⁴¹

⁴¹ SAVARIS, 2017, p. 102.

2. PERCEPÇÕES DOS LÍDERES EVANGÉLICOS DA REGIONAL TCHÊ DA CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL ACERCA DA CULTURA GAÚCHA

Foi realizada uma pesquisa de campo com a intenção de atingir 50 líderes da regional Tchê da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil. Após a aprovação do Comitê de Ética, cujo parecer se encontra no anexo 1, foram enviados mais de 150 questionários. Obteve-se o retorno de 32 questionários. Assim, a pesquisa foi desenvolvida com base nos 32 que retornaram.

O objetivo da pesquisa foi identificar qual o pensamento dos líderes sobre a cultura gaúcha e qual sua percepção quanto à importância do envolvimento da igreja local com a cultura. O formulário de coleta de dados encontra-se no APÊNDICE I e foi composto de nove perguntas de múltipla escolha no formato likert escalonado e uma pergunta descritiva. Dentre as perguntas, três delas estão relacionadas com a relação entre igreja e cultura e sete com a importância da cultura regional para os líderes. A análise das respostas encontra-se a seguir.

2.1 Igreja e cultura

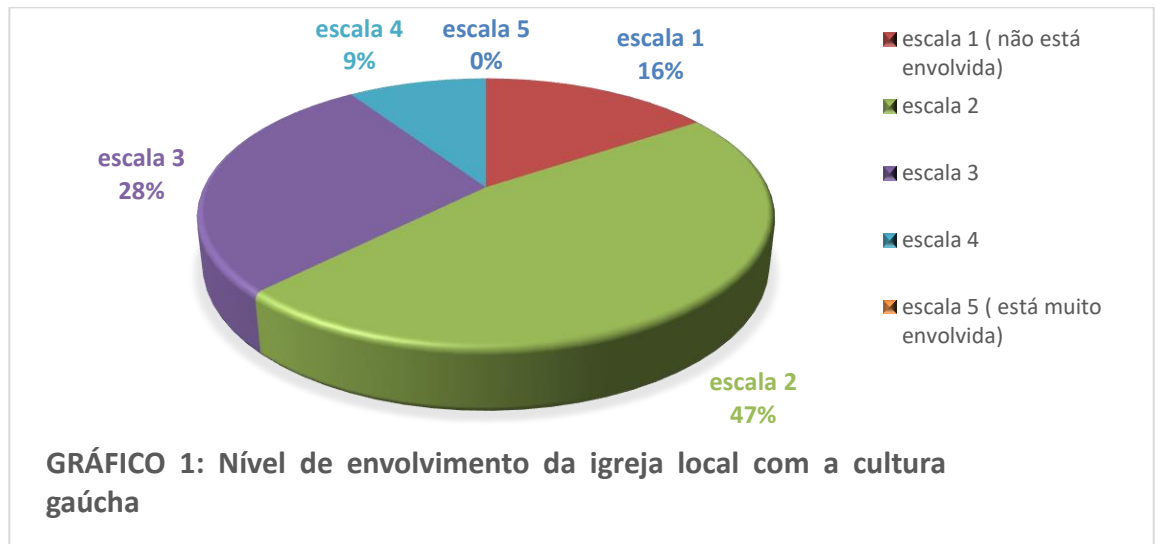
As perguntas referentes à relação entre a igreja e a cultura apresentam o ponto de vista individual dos entrevistados a respeito de como as igrejas pertencentes à Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil devem se relacionar com a cultura regional. Dentre elas, a primeira pergunta a ser analisada é a questão de número dois do instrumento de coleta de dados, que consta como Apêndice 1, cujo questionamento é como o líder avalia o envolvimento da igreja local com a cultura gaúcha. O gráfico 1 apresenta uma síntese das respostas.

Conforme as respostas, nenhuma das igrejas dos líderes entrevistados é, na percepção deles, uma igreja muito envolvida na cultura gaúcha, pois nenhum dos entrevistados respondeu à questão com escala 5 que representa muito envolvida, conforme pode ser visto no gráfico 1.⁴²

Contudo, 91% dos líderes responderam com a escala 1, 2 e 3, mostrando que o envolvimento da igreja local com a cultura gaúcha está entre um envolvimento

⁴² Gráfico elaborado pelo autor Giovani Schubert, com base na pesquisa de campo aprovada pelo Comitê de Ética, 2019.

mediano e o mínimo de envolvimento possível. Deixando um número pequeno de 9% na escala 4, o que demonstra pequeno envolvimento da igreja com a cultura gaúcha.



43

O maior número de respostas ficou na escala 2, com 47% das respostas dos entrevistados. Ao somar as respostas da escala 1 com a escala 2, se tem o número de 63% dos entrevistados, afirmando que o envolvimento não chega nem à escala 3. Sendo que a cultura local é a gaúcha, é preciso entender qual ou quais seriam os motivos para tanto afastamento entre ambos.

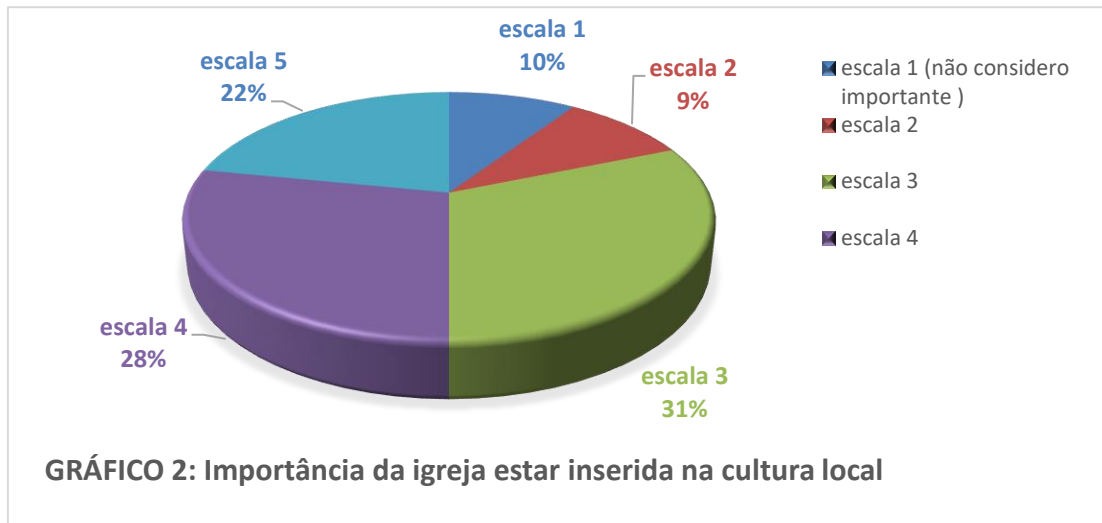
Na pergunta 4 da pesquisa de campo, foi questionado se os líderes consideram importante a igreja estar inserida na cultura local, e o resultado é demonstrado no gráfico 2.

Essa pergunta é importante pelo fato de independente da cultura ser gaúcha ou de outro local, a resposta do líder indica se ele leva em conta a forma de vida das pessoas que o cercam. Analisar a cosmovisão das pessoas que estão em sua volta, auxilia para que a mensagem tenha maior alcance e eficiência. Isso não significa mudar o conteúdo da mensagem ou mudar o evangelho, mas ter condição de anunciá-lo de forma que as pessoas entendam⁴⁴. Para isso, deve-se ter um esforço para compreender e entender o texto bíblico no contexto e cultura em que foi escrito até que chegue à realidade de quem ouve a mensagem de Jesus. Para isso, é necessário

⁴³ Gráfico elaborado pelo autor Giovani Schubert, com base na pesquisa de campo aprovada pelo Comitê de Ética, 2019.

⁴⁴ BURNS, Barbara. **Contextualização missionária**. Vida Nova. Edição do Kindle. Posição 175.

envolvimento e relacionamento, assim como Jesus fez.⁴⁵



46

Conforme mostra o gráfico 2, 22% dos líderes consideram muito importante o envolvimento entre a igreja e a cultura, respondendo assim à escala 5 da pesquisa. 28% responderam a escala 4, que demonstra considerar importante esse envolvimento, 31% responderam a escala 3, ficando com o posicionamento mais neutro. 9% responderam a escala dois, ficando como pouco importante, e 10% afirmam não considerar importante a inserção da igreja na cultura local.

Uma comparação entre os gráficos 2 e 1 pode ser analisada: apesar de um grande número de líderes demonstrar que acha importante o envolvimento entre a igreja e a cultura no gráfico 2, o gráfico 1 demonstra que existe um número bem menor de envolvimento real entre a igreja e a cultura local segundo os líderes.

A questão 5 da pesquisa de campo é uma questão descritiva, questionando quais são as maiores dificuldades para o envolvimento da igreja com a cultura gaúcha, solicitando que o entrevistado descrevesse pelo menos duas.

Para demonstrar o resultado de uma maneira mais compreensível, as respostas foram separadas por temas e expostas na tabela 1, sendo que alguns assuntos se repetem, A escala foi formada por ordem decrescente de apontamentos.

⁴⁵ OLIVEIRA, Haiza Feuerharmel de. **Evangelizar sem aculturar**: A possibilidade de transmissão do Evangelho aos povos indígenas do Brasil, valorizando a sua cultura. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira 2016, p.14.

⁴⁶ Gráfico elaborado pelo autor Giovani Schubert, com base na pesquisa de campo aprovada pelo Comitê de Ética, 2019.

TABELA 1: MAIORES DIFICULDADES PARA O ENVOLVIMENTO ENTRE A IGREJA E A CULTURA	
MOTIVOS	CITAÇÕES
Bebida alcoólica	8
Danças	8
Falta de conhecimento sobre a cultura	8
Preconceito	6
A igreja não deve se relacionar com a cultura gaúcha	4
A igreja já possui uma cultura própria	3

47

A bebida alcoólica recebeu oito apontamentos, como algo que impede a igreja de se relacionar com a cultura: “*Uso corriqueiro de bebidas alcoólicas*”⁴⁸. Essa foi uma das respostas dadas pelos líderes, que aponta que, no centro de tradições gaúchas, as pessoas bebem com grande frequência. Porém, seria isso algo que acontece somente quando as pessoas estão nos CTGs, ou isso é um reflexo da vida cotidiana da pessoa que busca na bebida a felicidade? É preciso lembrar que em todos os ambientes de não cristãos a bebida se faz presente, como festas de aniversário, jantares, comemorações em família e jogos de futebol. O consumo da bebida alcoólica em exagero é realmente um problema social que gera muitos conflitos e dependentes.⁴⁹ Porém, este deveria ser um motivo para cristãos mostrarem que é possível estar e conviver em comunidade sem o uso constante ou corriqueiro de bebidas alcoólicas.

A dança recebeu oito apontamentos como sendo um impedimento para a relação entre a igreja e a cultura. Esta é uma resposta obtida: “*As dificuldades são*

⁴⁷ Tabela elaborada pelo autor Giovani Schubert, com base na pesquisa de campo aprovada pelo Comitê de Ética, 2019.

⁴⁸ Resposta retirada da questão 5 da pesquisa de campo feita pelo autor Giovani Schubert aprovada pelo Comitê de Ética, 2019.

⁴⁹ SILVA, Maria Aparecida Amorim da. **O impacto do alcoolismo na vida social e familiar do indivíduo**. Minas Gerais, 2014. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/4579.pdf>>. Acesso em: 09 Ago. 2019.

*com algumas pessoas que não veem com bons olhos as danças típicas*⁵⁰. Sabendo que as danças típicas gaúchas são apenas uma das formas de expressão da cultura, isso não deveria ter tanto peso quando se trata de conviver com o tradicionalista. Aliás, tratando do assunto bíblicamente, existem passagens que tratam inclusive sobre a dança. Uma delas é de quando Davi trouxe a arca da aliança, ele e todos os israelitas iam dançando perante o Senhor⁵¹ outra passagem é o Salmo cento e cinquenta, no qual o salmista fala sobre o louvor a Deus, inclusive pede para que o louvem com dança.⁵²

A falta de conhecimento sobre a cultura gaúcha levou oito apontamentos. *“Falta de conhecimento sobre o Assunto. A falta de estratégias para isso.”*⁵³ Essa foi uma das respostas que os líderes apontaram: a falta de conhecimento sobre a cultura, que inclusive, segundo o entrevistado, gera ou pode ser fruto da falta de estratégias para que o conhecimento acerca da cultura aconteça, pois poderiam ser traçados paralelos que ajudariam a relacionar a igreja com a cultura.

Outra resposta sobre o tema foi *“falta de conhecimento sobre o assunto que se refere ao que é sagrado e profano. Falta de conhecimento da missão de Deus.”*⁵⁴ Segundo esse líder, a falta de conhecimento vem ainda sobre a missão de Deus, ou seja, a ignorância não seria somente com a cultura, mas com o próprio propósito da igreja.

Alguns líderes afirmam existir uma forma de preconceito, tendo essa característica citada em seis respostas. Outros 4 afirmam que não deve existir esse relacionamento entre cultura e igreja, e percebe-se que a afirmação de que a igreja já possui uma cultura própria foi citada três vezes dentre os líderes.

2.2 Importância da cultura regional para os líderes

Tirando o foco da igreja como instituição e trazendo mais para forma pessoal, os dados apresentados neste subponto trazem elementos e costumes da cultura gaúcha e a opinião do líder sobre o assunto. Um local importante para a cultura

⁵⁰ Resposta retirada da questão 5 da pesquisa de campo feita pelo autor Giovani Schubert aprovada pelo Comitê de Ética, 2019.

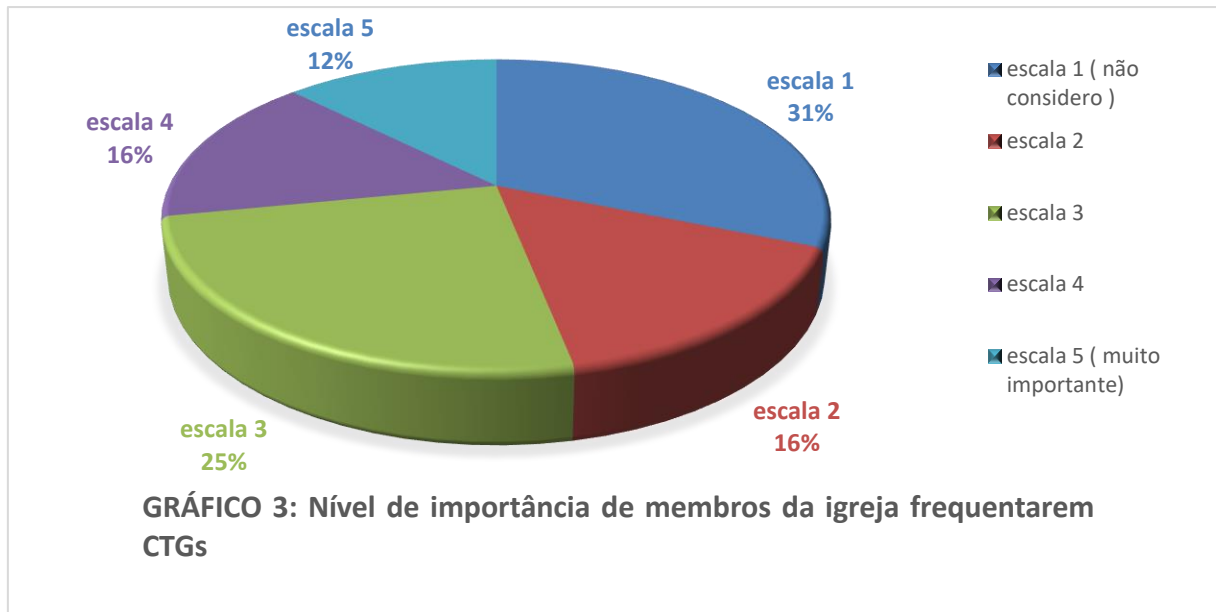
⁵¹ THOMAS Nelson Brasil, **Bíblia Leitura Perfeita**. Rio de Janeiro: Vida Melhor, 2018, p. 207.

⁵² THOMAS Nelson Brasil, 2018, p. 424.

⁵³ Resposta retirada da questão 5 da pesquisa de campo feita pelo autor Giovani Schubert aprovada pelo Comitê de Ética, 2019.

⁵⁴ Resposta retirada da questão 5 da pesquisa de campo feita pelo autor Giovani Schubert aprovada pelo Comitê de Ética, 2019.

regional gaúcha são os CTGs. Como explicado no primeiro capítulo, o Centro de Tradições Gaúchas é um marco importante para a cultura local, onde os gaúchos se encontram para cultivar e manter suas tradições. O gráfico 3 exibe a escala de importância que os líderes assumem sobre a participação de membros da igreja nesses locais.



55

A primeira pergunta do questionário, feito na pesquisa de campo, correspondente ao gráfico 3. 31% dos líderes não consideram importante os membros da igreja frequentarem os CTGs, respondendo com a escala 1. Apenas 12% consideram muito importante respondendo na escala 5.

Muitos dos gaúchos que frequentam os CTGs não ouviram falar de Jesus. Uma possível consequência disso é o crescimento de protestantes no Rio Grande do Sul ser um dos menores do Brasil, e temos a capital com menos presença evangélica do país.⁵⁶

Através dos relacionamentos e da comunhão que acontecem nos CTGs, cristãos teriam uma porta de acesso para ter contato com essas pessoas que não proclamam fé alguma. O ambiente, para muitos líderes, pode não ser apropriado, mas

⁵⁵ Gráfico elaborado pelo autor Giovani Schubert, com base na pesquisa de campo aprovada pelo Comitê de Ética, 2019.

⁵⁶ PRATES, Marco. **As capitais mais e menos evangélicas do Brasil**. [s.i.], 27 fev. 2013. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/as-capitais-mais-e-menos-evangelicas-do-brasil/>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

é justamente o lugar onde o cristão poderia demonstrar seus princípios como seguidor de Jesus, afinal não é em um meio onde todos se comportam da mesma maneira que o cristão estará sendo luz. Fica o exemplo de Paulo, que muitas vezes já pregou em ambientes considerados hostis, parece até que procurava esses lugares para mostrar algo diferente, e ali aconteciam conversões a Jesus através da pregação e da vida de Paulo. Ele usava dos ambientes e da cultura para pregar de maneira eficiente. Diante do exemplo de Paulo, empreende-se que, se os cristãos não têm o cuidado de perceber o ambiente e a forma de vida dos que o cercam, um grande dano ao Evangelho pode acontecer.⁵⁷

O apóstolo Paulo fez uma afirmação que tem total sentido em relação à cultura. Sabendo que ele estava cercado de diversas formas de pensamento e cotidiano, declarou o seguinte, conforme a passagem de 1 Coríntios 9.20-23:

“Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da lei, tornei-me como se estivesse sujeito à lei, (embora eu mesmo não esteja debaixo da lei), a fim de ganhar os que estão debaixo da lei. Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei (embora não esteja livre da lei de Deus, mas sim sob a lei de Cristo), a fim de ganhar os que não têm a lei. Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns. Faço tudo isso por causa do evangelho, para ser coparticipante dele.”⁵⁸

No interior dos CTGs acontecem almoços para as famílias, internadas de danças tradicionais gaúchas, reuniões com rodas de chimarrão e também festas chamadas de *fandangos*. Ser seletivo com os eventos talvez seja o ideal para os cristãos, afinal ser seletivo com as coisas faz parte da vida cristã. Talvez essa rejeição com os CTGs seja por desconhecimento do que acontece em seu interior, ou pode ser que os cristãos estão satisfeitos com o cultivo da sua própria cultura, ou ainda, como chama Rookmaaker, de “seu próprio jardimzinho”.⁵⁹

O fato é que a comunidade evangélica não deve se orgulhar de suas formas de culto, de seu modo de falar ou cantar, pois não cristãos podem vê-las como antiquadas, esquisitas e por muitos até incompreensível. Ao contrário disso, os cristãos deveriam estar abertos ao mundo que os cerca e manter contato com as

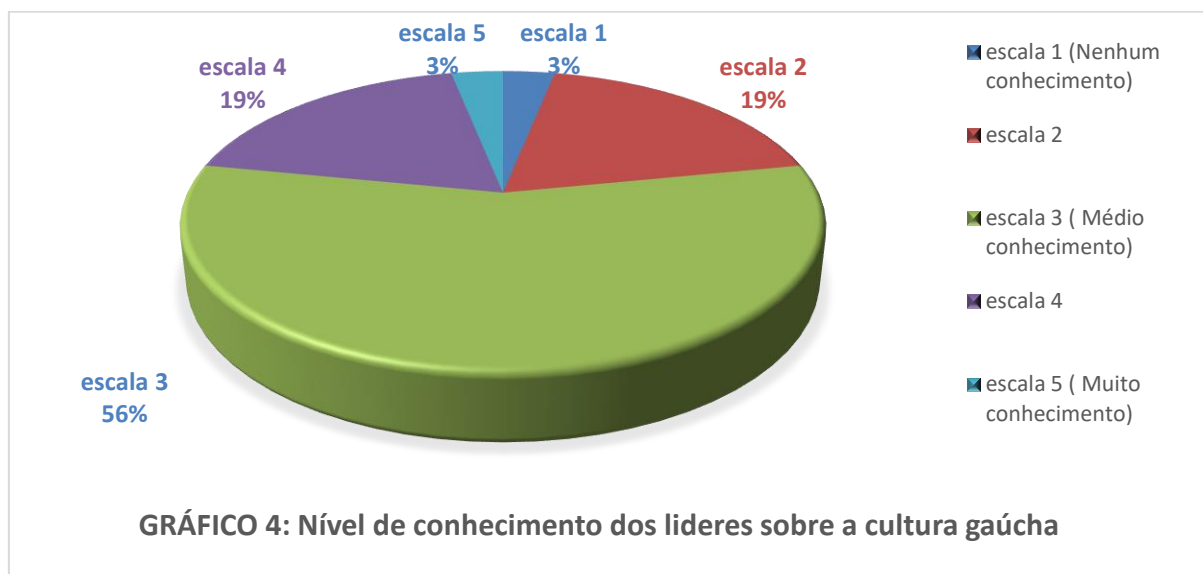
⁵⁷ HELM, David. **Pregação Expositiva**, Vida Nova. Edição do Kindle, posição 1166.

⁵⁸ THOMAS Nelson Brasil, 2018, p. 786.

⁵⁹ ROOKMAAKER, Hans R. **O dom criativo**. Tradução William Campos da Cruz. Brasília: Monergismo, 2018, p. 41

peças que estão a sua volta, pois a igreja jamais deveria ser algo fechado, um clube ou uma cultura paralela tentando fugir do mundo. Por mais que o objetivo seja fugir, a marca do pecado sempre estará nela e pode até mesmo se manifestar de uma das maneiras mais sutis e destruidoras: o pecado do orgulho.⁶⁰

Mas para saber o que acontece dentro dos CTGs é necessário conhecer a cultura gaúcha. Por isso, os líderes das igrejas Batistas Pioneira da regional Tchê descrevem o seu conhecimento sobre a cultura gaúcha, na pergunta 3 da pesquisa de campo, que corresponde ao gráfico 4.



61

O termo médio de conhecimento representado pela escala 3 levou à maior porcentagem, com 56%, sendo 19% na escala 4 e 3% na escala 5, que representa muito conhecimento sobre a cultura.

Já nas escalas 2 e 1 acontecem os mesmos resultados da 5 e 4, enquanto a 2 ficou com 19% das respostas e a 1, que representa nenhum conhecimento, ficou com 3%.

A maioria dos líderes assumiu um conhecimento mediano sobre a cultura gaúcha. Sendo mediano o conhecimento, logo a participação dos líderes em projetos para evangelizar esse povo pode estar acontecendo de uma maneira despreparada, quando a cultura não é levada em conta ou ainda pode nem estar acontecendo.

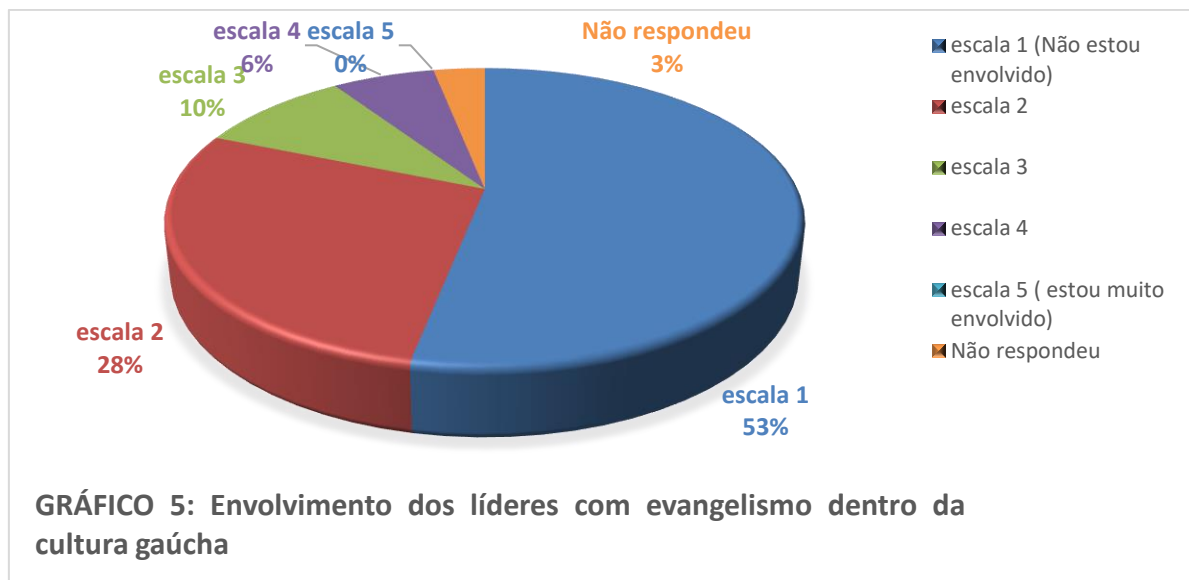
⁶⁰ ROOKMAAKER, 2018, p. 41.

⁶¹ Gráfico elaborado pelo autor Giovani Schubert, com base na pesquisa de campo aprovada pelo Comitê de Ética, 2019.

É isso que a pergunta 7 da pesquisa de campo, correspondente ao gráfico 5 mostra. Com 53% das respostas e com a maior porcentagem ficou a escala 1, que representa nenhum envolvimento com o evangelismo dentro da cultura gaúcha.

A escala 2 do gráfico 5 ficou com 28%, que corresponde a pouco envolvimento, sendo seguido da escala 3 com 10%, a escala 4 ficou com 6% e, por último, com 0%, a escala 5 que corresponde a muito envolvimento. 3% não responderam essa questão.

Com a maioria dos líderes com um conhecimento mediano sobre a cultura, era esperado tão pouco envolvimento em uma evangelização contextualizada.



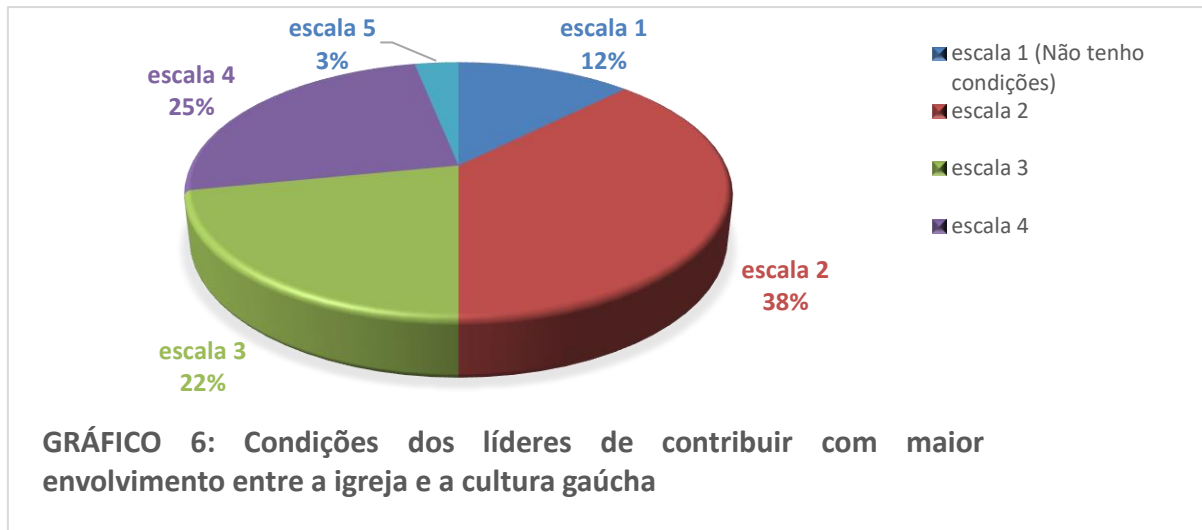
62

Se o cristianismo assume uma necessidade de evangelizar todas as culturas, mas poucos líderes estão se envolvendo nessa tarefa de evangelizar dentro da cultura gaúcha, como esse povo vai conhecer a mensagem dos cristãos? Quando cristãos não se envolvem em uma cultura, sem dúvida alguém vai aproveitar esse vácuo e preencher. Existem muitos exemplos de que isso aconteceu, como nas artes visuais, onde ideias não cristãs têm encontrado total liberdade de expressão quase que totalmente inquestionada, não só nas artes visuais, mas também na filosofia e no entretenimento.⁶³ Então seria uma ironia dizer que a cultura gaúcha tem ideias contrárias às cristãs, sendo que a presença e o envolvimento dos crentes é pouca ou nenhuma. Não é possível existir influência cristã sem a presença dos cristãos.

⁶² Gráfico elaborado pelo autor Giovani Schubert, com base na pesquisa de campo aprovada pelo Comitê de Ética, 2019.

⁶³ ROOKMAAKER, 2018. p. 39-40.

Apesar de no gráfico 4 os líderes terem demonstrado que a maioria não possui conhecimento profundo da cultura, os mesmos acreditam que de alguma forma possuem condições próprias de contribuir para maior envolvimento entre a igreja e a cultura gaúcha. Essa foi a resposta da questão de número 8 no formulário de pesquisa, cujos resultados estão expostos no gráfico 6.



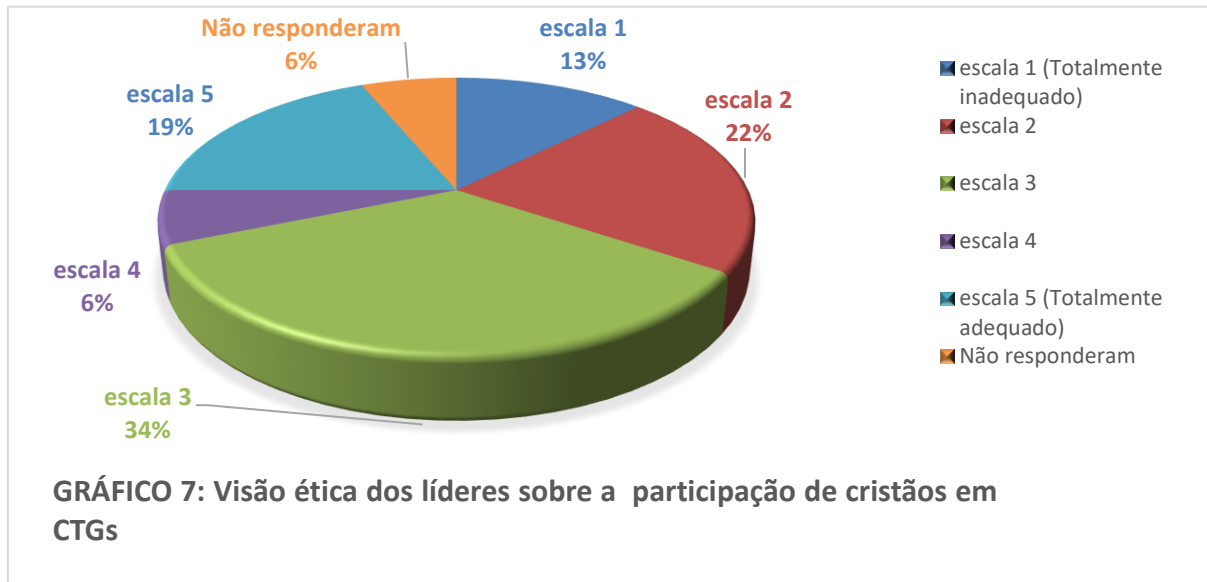
64

Apenas 3% consideram ter plenas condições representado pela escala 5, seguido da escala 4, com 25%. Somando a 4 com a 5, têm 28% afirmando ter condições de estreitar essa relação entre igreja e cultura. Os Batistas da Convenção Pioneira poderiam aproveitar tal número e iniciar uma igreja contextualizada com a cultura gaúcha, ou criar ministérios específicos nas igrejas já existentes que têm o objetivo alcançar os gaudérios que frequentam CTGs e realmente são tradicionalistas, dessa forma tentando usar essas condições afirmadas pelos líderes para estreitar o relacionamento da igreja com a cultura local.

No entanto, para alguns líderes não é compatível nem adequado um cristão frequentar os Centros de Tradições Gaúchas. O gráfico 7 demonstra a visão ética dos líderes apontando se existe problema na atitude de um cristão seguir a cultura gaúcha em seu centro de tradições. Neste gráfico, a escala 5 ficou com 19% de líderes afirmando ser totalmente adequado um cristão frequentar CTGs, a escala 4 ficou com 6%, e a maior porcentagem ficou com a escala 3, tendo 34% das respostas.

⁶⁴ Gráfico elaborado pelo autor Giovani Schubert, com base na pesquisa de campo aprovada pelo Comitê de Ética, 2019.

A escala 2 ficou com 22% das respostas, seguida pela escala 1, com 13%, que considera totalmente inadequada a presença de cristãos em CTGs. 6% não responderam a pergunta no questionário.



65

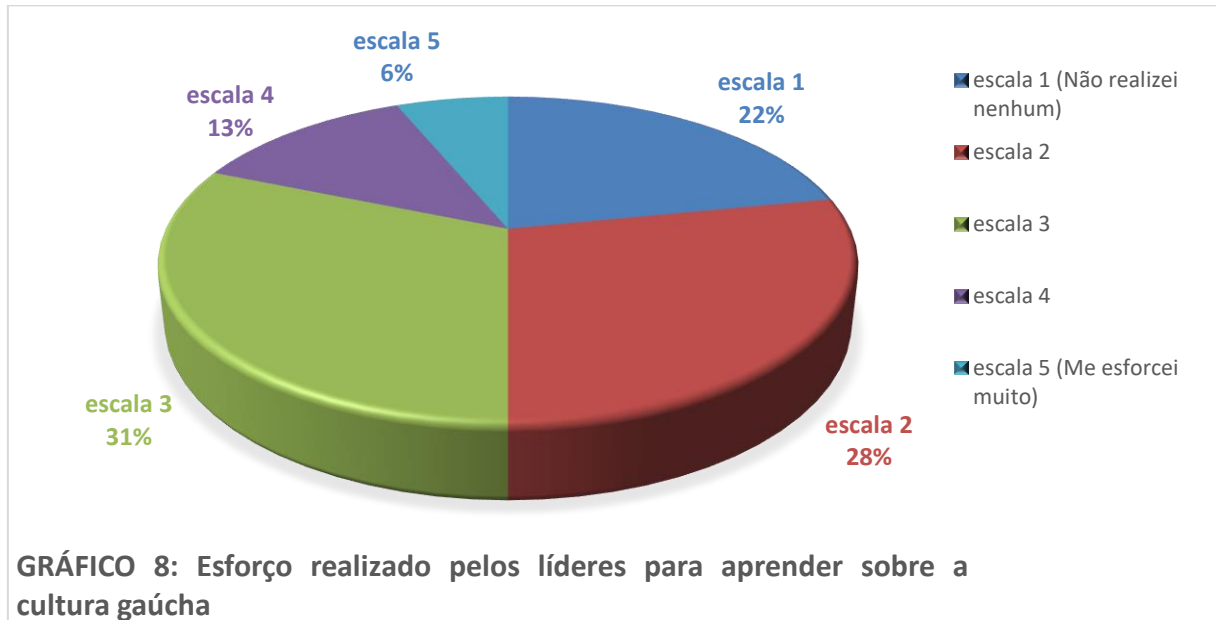
Como já demonstrado no gráfico 4, essa rejeição pode ser fruto da falta de conhecimento dos líderes em relação à cultura, ou do próprio evangelho em si, que tem o papel de purificar ou pelo menos preservar a cultura da decadência.⁶⁶ Não conhecer a cultura local não é um problema, afinal muitos podem ter vindo de outros lugares, pastores e líderes de fora vindos de uma cultura diferente. No entanto, saber se a liderança se esforça para conhecer e aprender sobre a cultura local demonstra se essa realidade de rejeição com a cultura pode mudar.

No gráfico 8 foi exposto o nível de esforço dos líderes para aprender sobre a cultura gaúcha. A escala 1 ficou com 22% dos líderes afirmando não ter realizado nenhum esforço para aprender sobre a cultura, seguida pela escala 2, com 28%, que corresponde a pouco esforço. É importante saber que, mesmo os que nascem no Rio Grande do Sul e têm contato com a cultura de forma mais presente, precisam se esforçar para conhecer e estar inseridos na cultura. Nenhum conhecimento vem sem esforço ou intenção. O gráfico demonstra que muitos líderes não fizeram nenhum ou pouco esforço para conhecer a cultura, mas muitos demonstraram problemas com a

⁶⁵ Gráfico elaborado pelo autor Giovani Schubert, com base na pesquisa de campo aprovada pelo Comitê de Ética, 2019.

⁶⁶ ROOKMAAKER, 2018. p. 43.

participação dos cristãos nos CTGs, embora talvez nem entendam os costumes e a cultura do povo.



67

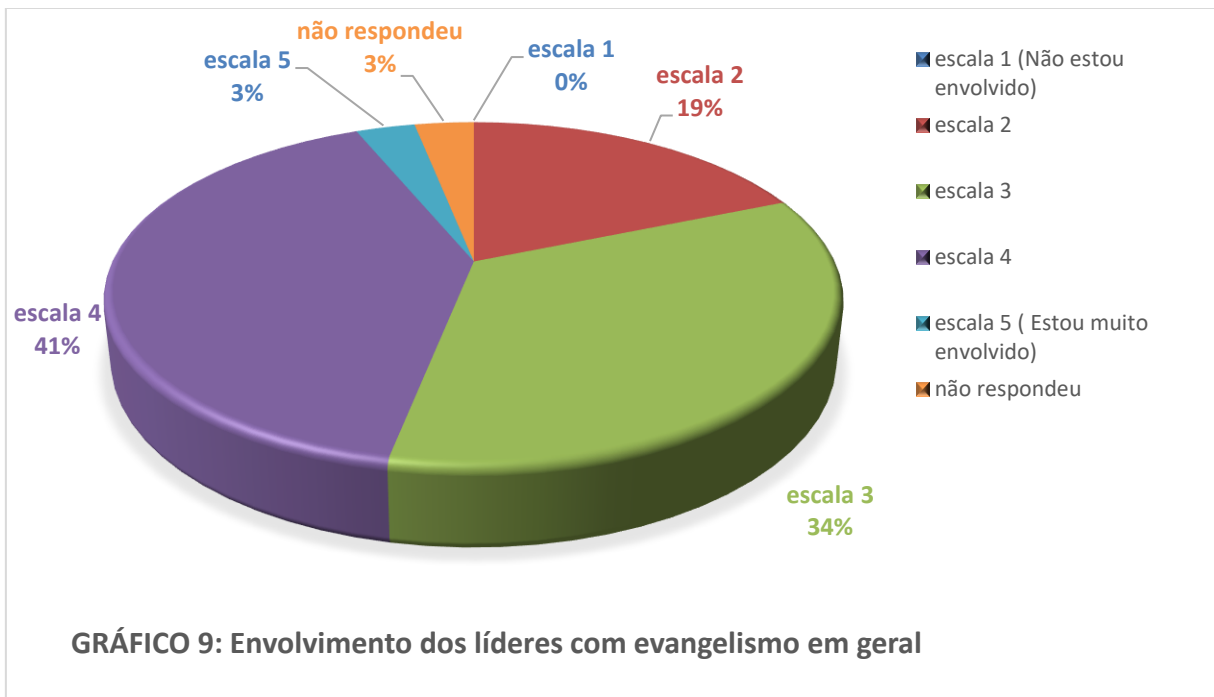
Apenas 6% afirma ter se esforçado muito e 13% afirma ter realizado algum esforço para aprender sobre a cultura, porém, isso parece estar em choque com o gráfico 2 nos quais os mesmos líderes afirmaram com 50% que consideram importante ou muito importante a igreja estar inserida na cultura local.

Será que se esforçar para conhecer a cultura só vale para quem vai para fora do Rio Grande do Sul? Ou seria simplesmente uma ideia boa de se ter no papel mas da qual poucos levam a sério a ponto de aplicar?

Muitos livros e seminários sobre missiologia afirmam ser importante levar a cultura em conta. Os próprios líderes conhecem e afirmam isso quando perguntado, mas na hora prática e quando se trata de uma cultura regional, isso é deixado de lado, como demonstra o resultado da pesquisa.

Saber qual o envolvimento dos líderes com o evangelismo de forma geral é importante pois define se os líderes estão ou não comprometidos em levar a mensagem de Jesus às demais pessoas. O gráfico 9 traz apenas 3% na escala 5, que é definido por estar muito comprometido, a maioria colocou a escala 4, com 41% das respostas dos líderes, ficando não muito na frente da escala 3 que ficou com 34%.

⁶⁷ Gráfico elaborado pelo autor Giovani Schubert, com base na pesquisa de campo aprovada pelo Comitê de Ética, 2019.



68

Preocupante mesmo são os 19% que estão na escala 2 tratando de liderança, que deveria dar o exemplo na prática e na importância dada ao assunto.

Isso pode influenciar de forma negativa, gerando falta de interesse no evangelismo entre os cristãos que estão sendo liderados por quem não está muito envolvido com o evangelismo de maneira geral. A escala 1 ficou com 0% e 3% não responderam à pergunta.

⁶⁸ Gráfico elaborado pelo autor Giovani Schubert, com base na pesquisa de campo aprovada pelo Comitê de Ética, 2019.

3. BASES PARA COMUNICAÇÃO ENTRE A IGREJA E A CULTURA

Uma maneira através da qual é possível examinar a relação entre o cristão e a cultura é analisar o que a igreja está produzindo. Tem sido produzida uma cultura especificamente cristã? É algo em que os cristãos devem empenhar-se? Essas são algumas perguntas levantadas pelo escritor H. R. Rookmaaker em seu livro *O dom Criativo*, justamente isso que a pesquisa demonstrou. A maioria dos líderes, por algum motivo, não tem levado a cultura local em conta, mas com isso uma cultura eclesial tem tomado forma. O autor responde essas perguntas que ele mesmo levanta, apontando que uma das bases para a comunicação do cristão e a cultura é deixar de pensar em ambos como coisas separadas. Esse dualismo de pensar na cultura como algo separado não vem de hoje, na verdade é difícil, segundo o autor, dizer o quanto essa ideia tem sido reforçada desde o século 18.⁶⁹

3.1 Deus fez a cultura

Antes de falar sobre o dualismo existente no pensamento do cristão, é necessário entender quem fez a cultura, e por que pensar em cristianismo e cultura de forma separada é errado.

Justo González define a cultura como sendo a forma e o modo pelo qual um grupo humano se relaciona entre si e com o ambiente a sua volta. Isso traz consigo elementos internos e externos⁷⁰. Afirmar que Deus queria diferentes culturas não é errado, afinal existem diferentes tipos de geografia; sendo assim, é diferente o comportamento de um grupo humano que vive em uma região desértica, a um grupo que vive em nevascas constantes como o Alasca.

Toda cultura faz parte dos propósitos de Deus na criação. Começando em Gênesis, segundo a Bíblia, depois de criar toda a humanidade, Deus pede para que o homem e a mulher tenham domínio sobre a natureza.⁷¹ Esse domínio não foi retirado após o pecado, os humanos continuam responsáveis mesmo, após a queda, pelo mundo criado, como representantes de Deus, exercendo a mordomia.

No decorrer da história, a humanidade tem feito esse papel, ora de forma positiva e outra de forma negativa. Um exemplo que o historiador André Reinke mostra

⁶⁹ ROOKMAAKER, 2018, p. 39.

⁷⁰ GONZÁLEZ, Justo I. **Cultura e evangelho**: o lugar da cultura no plano de Deus. São Paulo: Hagnos, 2011, p. 37.

⁷¹ THOMAS Nelson Brasil, 2018, p. 16.

é na torre de Babel, quando os humanos decidiram ficar apenas em um lugar e construir uma torre para alcançar os céus, tentando glorificar seu próprio poder. Deus confundiu as línguas em um ato divino que teve, segundo o historiador, um viés de bênção e de castigo. O castigo se manifestou impedindo essa vontade humana que os obrigou a se espalhar, multiplicar e produzir cultura por todo o mundo, que acabou assim, se tornando uma bênção de Deus. Ainda o autor brinca que somente assim se tornou possível provar uma maravilhosa feijoada, um sushi e outras diferentes delícias culinárias.⁷²

3.2 Saindo do dualismo

Segundo H.R. Rookmaaker, o dualismo já é inerente a nossa cultura. Sendo assim, de um lado estão as forças da ciência e da tecnologia que as pessoas hoje não consideram cultura, enquanto do outro estão a erudição e as belas artes: música, poesia e pintura, que são apontadas pelo autor como sendo vistas pelas pessoas de forma interessante, mas de pouca consequência real. Para muitos pode ser que até a própria religião se encontre nesse lado do dualismo. Sendo assim, a cultura não passa de um enfeite, um adorno, nunca como uma necessidade.⁷³

“Muitas vezes os cristãos têm visto o que hoje é chamado de cultura como algo supérfluo ou até perigoso. Ao mesmo tempo, tem aceitado a ciência moderna e a tecnologia com grande ingenuidade como “território neutro”.⁷⁴

Uma crítica levantada por Rookmaaker é que os cristãos estão deixando com muita facilidade o campo da erudição e das belas artes, ou seja, da cultura. O motivo é que há grande incredulidade existente no meio artístico, mas não seria justamente ali que se mostra necessária a presença do cristão? Com uma figura de linguagem militar, ele afirma que é justamente na linha de frente que se deve combater o inimigo. E como consequência desse dualismo e da covardia e omissão dos cristãos, em alguns desses pontos o cristianismo tem perdido quase toda a influência.⁷⁵ Pode-se dizer que o mesmo tem acontecido com a cultura gaúcha, na qual é reconhecido que o cristão tem tido pouca influência e participação, como mostra o gráfico 5, segundo

⁷² REINKE, André Daniel. **Os outros da Bíblia**. Thomas Nelson Brasil. Edição do Kindle. Posição 377.

⁷³ ROOKMAAKER, 2018, p. 39.

⁷⁴ ROOKMAAKER, 2018, p. 39.

⁷⁵ ROOKMAAKER, 2018, p. 40.

o qual existe mínimo envolvimento da parte da liderança com o evangelismo nessa cultura.

O ascetismo, que é fugir do “mundo” e assim da cultura, para uma caverna no deserto, deve ser reconhecido em si mesmo como um padrão cultural,⁷⁶ ou no caso não precisa ser uma caverna, pode ser uma igreja, cuja ideia central continua sendo a mesma. Por isso, como alguns líderes afirmam na pesquisa, a igreja tem se tornado uma cultura própria, e isso dificulta o acesso às demais pessoas.

Mesmo que tente não ter contato com o “mundo” para assim fugir do pecado, o cristão estará somente negligenciando a vontade de Deus, de que ele seja “sal e luz” (Mateus 5.13), cujo o papel é de purificar e preservar da decadência a própria sociedade. O pecado se manifesta de diferentes formas, inclusive como uma simples indiferença e Rookmaaker afirma que isso deve ser combatido primeiramente no pessoal, mas também no mundo que o cerca.⁷⁷

Entendendo isso, é possível começar a resolver esse problema que muitos chamam de “cristianismo e cultura”, mas que pode ficar melhor descrito como “o lugar do cristianismo na criação de Deus”. No fim essa questão só pode ser resolvida em Jesus Cristo. Não com uma rejeição ou negação do mundo que é uma solução mais grega que cristã.⁷⁸

3.2. Mantendo a ética cristã

O grande problema é de como lidar em uma cultura cujos princípios são declarados não cristãos ou até mesmo anticristãos. Onde quer que tenha sido pregado e estabelecido fortes bases, o evangelho necessariamente estará envolvido na desmitologização de deuses pagãos. Diante desse fato, a cultura não é um problema, mas o coração do homem. Um exemplo disso é em Isaías 40.19, quando o profeta declara insensato o povo por se prostrar diante de algo criado por suas próprias mãos.

Entretanto, em nenhuma cultura onde o cristianismo foi anunciado fazendo esse papel pode se esperar um declínio subsequente da fé acompanhada pela secularização. Esse é um problema do cristão que vive em um mundo em que o cristianismo é o padrão aceito pela sociedade⁷⁹, mas as pessoas já não vivem

⁷⁶ ROOKMAAKER. 2018. p. 41.

⁷⁷ ROOKMAAKER. 2018. p. 43.

⁷⁸ ROOKMAAKER. 2018. p. 47.

⁷⁹ BURNS, Posição 136.

segundo ele, que é o grande perigo que uma igreja não contextualizada sofre, pois encontra o fim nela mesma, tentando somente fugir do pecado para manter uma ética tida como cristã.

É importante perceber que, embora possua uma ética, o cristianismo não é isso em primeiro lugar. A correção ou erro de nosso estilo de vida há de ser medido em contraste com o princípio de: amar a Deus e aceitar seu filho como Senhor e Salvador.⁸⁰

3.2 projetos existentes de evangelismo dentro da cultura gaúcha

Analisar o que a igreja tem produzido, como levantado no início do capítulo, como músicas, poemas e outras obras literárias, ajudará para saber se a Convenção Batista Pioneira tem preparado seus líderes inseridos no Rio Grande do Sul para a cultura gaúcha.

3.2.1 Músicas e poemas

Não existem muitos trabalhos na área da música cristã com ritmos gaúchos, o que mais existe são adaptações de músicas já feitas como hinos tocados com ritmos gaudérios. Mas certo missionário tem composto músicas com a linguagem dos tradicionalistas, poesias com letras contendo a mensagem de Jesus e muitas delas de forma evangelística com a forma de falar do gaúcho.

Esse missionário chama-se Jesiel Dias e tem passado em algumas igrejas da regional, e até mesmo outras da Convenção Batista Pioneira e Gaúcha, um dos objetivos de Jesiel é despertar as igrejas para ganhar os gaúchos para Jesus. O pastor Walter Azevedo, em um vídeo, deixa clara a intenção de Jesiel despertar as igrejas para com a cultura gaúcha e os gaúchos para com Jesus.⁸¹

Ainda existe muito espaço para compositores e poetas neste meio, pois com o tamanho do Rio Grande do Sul, apenas um missionário contextualizado com a cultura, é um número muito pequeno para a grandeza deste Estado.

3.2.2 Obras literárias

Marcos Stier Calixto escreveu um livro intitulado “*30 dias de clamor pelo Rio Grande do Sul*”, um devocional feito para o gaúcho, em parceria com a Convenção

⁸⁰ ROOKMAAKER, 2018, p. 39.

⁸¹DIAS, Jesiel. **Desperta Rio Grande**. [S.l.]. 30 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ljgltVL5SuU>>. Acesso em: 10 out. 2019.

Pioneira e a Convenção Batista do Rio Grande do Sul. Uma série de devocionais que traz a linguagem típica do gaúcho, com os títulos de cada devocional voltados para chamar a atenção dos que amam as coisas do campo e a forma gaúcha de viver, mas mantendo de forma firme o propósito de falar de Jesus.⁸²

Além do livro de Calixto, não foram encontradas outras obras sobre o tema.

⁸² CALIXTO, Marcos Stier. **30 dias de clamor pelo Rio Grande do Sul**. Curitiba, 2014. p. 1.

CONCLUSÃO

O primeiro capítulo apresentou o surgimento e os elementos da cultura gaúcha que foi sendo desenhada com o tempo, um povo marcado por lutas e pela sobrevivência nas terras do Sul do Brasil. O capítulo apresentou que a cultura gaúcha é muito bem definida, com diversos elementos, valores e formas de expressão. Os gaúchos já não vivem, em sua maioria, da lida com o gado, que trouxe durante muitos anos o sustento do povo, mas demonstram muito zelo para com sua cultura, através das artes e do convívio nos centros de tradições, onde podem manter sua forma de pensar e viver.

O capítulo seguinte abordou o conhecimento e o pensamento dos líderes das igrejas Pioneiras do Sul do Brasil na Regional Tchê sobre a cultura gaúcha, cujos resultados deixaram claro que as mesmas não são contextualizadas. Apesar de entender, na teoria, a necessidade de fazer parte da cultura onde está inserida, a igreja tem assumido muito mais uma postura de cultura paralela, reforçando em muitos casos a rejeição aos costumes da cultura gaúcha. Isso demonstra que a igreja não tem preparado líderes para trabalhar em meio à cultura gaúcha.

O último capítulo expressa as bases para a igreja se relacionar com a cultura segundo a própria teologia, demonstrando os perigos de a igreja assumir uma cultura própria, afirmando que esse tipo de pensamento dualista, que busca separar a igreja da cultura do povo, está mais para uma ideia grega do que cristã. Criar uma cultura paralela da igreja e tentar não ter contato nenhum com o pecado é uma forma de lidar com a cultura que já aconteceu antes, nos tempos dos mosteiros. O problema é que o pecado se manifesta da mesma forma dentro de qualquer cultura, até como o orgulho.

A negligência dos cristãos em não se fazer presente na cultura deixa uma brecha para que todos os tipos de ideias e conceitos anticristãos tenham o espaço para expor seus pensamentos sem nenhum problema ou ideia contrária. Não existe influência sem presença, e é exatamente isso que tem acontecido com a cultura gaúcha, cuja pobreza cultural da parte da igreja em produzir materiais contextualizados e que falem com o povo local é nítida, assumindo muito mais uma postura crítica de fora da cultura.

Conclui-se que, apesar de serem muitas as razões pelas quais uma igreja deve ser contextualizada, poucos líderes das igrejas Batista Pioneira da Regional

Tchê usam a cultura gaúcha como um meio para anunciar a mensagem do evangelho. Não se fazendo presente na cultura local, pouca influência se tem. O perigo de não estar presente na cultura local é o surgimento de uma cultura própria que faz com que o crescimento do evangelho seja quase estagnado pelo fato de não ser esse o objetivo do cristianismo.

REFERÊNCIAS

THOMAS Nelson Brasil, **Bíblia Leitura Perfeita**. Rio de Janeiro: Vida Melhor, 2018, 864 p.

BUENO, Eduardo. **Índios do Sul**, 13 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3eRYXtiXOR0>>. Acesso em 26 mar. 2019.

BURNS, Barbara. **Contextualização missionária**. Vida Nova. Edição do Kindle.

CALIXTO, Marcos Stier. **30 dias de clamor pelo Rio Grande do Sul**. Curitiba. 2014. 36 p.

CHERINI, Giovani. **Símbolos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2014. 108 p.

Conselho Ultramarino, Cx.5, Doc.401

DELAZERI, Jatir. **Origem e evolução do gaúcho no RGS e no Brasil**, 25 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bIFKo1tKRMk>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

DIAS, Jesiel. **Desperta Rio Grande**, [S.l]. 30 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ljgltVL5SuU>>. Acesso em: 10 out. 2019.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. 9.ed.rev.ampl. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2013. 68 p.

GONZÁLEZ, Justo I. **Cultura e evangelho**: o lugar da cultura no plano de Deus. São Paulo: Hagnos, 2011. 152 p.

HELM, David. **Pregação Expositiva**. Vida Nova. Edição do Kindle.

OLIVEIRA, Haiza Feuerharmel de. **Evangelizar sem aculturar**: A possibilidade de transmissão do Evangelho aos povos indígenas do Brasil, valorizando a sua cultura. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira 2016. 68 p.

PRATES, MARCO. **As capitais mais e menos evangélicas do Brasil**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/as-capitais-mais-e-menos-evangelicas-do-brasil/>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

REINKE, André Daniel. **Os outros da Bíblia**. Thomas Nelson Brasil. Edição do Kindle.

ROOKMAAKER, Hans R. **O dom criativo**. Tradução William Campos da Cruz. Brasília, Monergismo, 2018. 214 p.

SILVA, Maria Aparecida Amorim da. **O impacto do alcoolismo na vida social e familiar do indivíduo**, Minas Gerais, 2014. Disponível em:

<<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/4579.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

SOUZA, Arioaldo Pereira de. **Síntese histórica do Rio Grande do Sul**. 3.ed. / Arioaldo Pereira de Souza. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2017. 200 p.

APÊNDICES

APÊNDICE 1- INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Neste questionário não há a necessidade de você se identificar. Ele servirá como a base de estudo para as conclusões às quais se quer chegar. Leia o mesmo com atenção e responda o máximo de questões possíveis de forma espontânea e sem constrangimento:

1. Como você avalia a importância de membros da igreja frequentarem CTGs?

(1 para “não considero importante” e 5 para “considero muito importante”)

1() 2() 3() 4() 5()

2. Como você avalia o envolvimento da sua igreja local com a cultura gaúcha?

(1 para “não está envolvida” e 5 para “está muito envolvida”)

1() 2() 3() 4() 5()

3. Como você avalia o seu conhecimento sobre a cultura gaúcha?

(1 para “não possui nenhum conhecimento” e 5 para “possuo muito conhecimento”)

1() 2() 3() 4() 5()

4. Como você avalia a importância da sua igreja estar inserida na cultura local?

(1 para “não considero importante” e 5 para “considero muito importante”)

1() 2() 3() 4() 5()

5. Quais você considera as maiores dificuldades para o envolvimento da igreja com a cultura gaúcha? Cite pelo menos duas:

6. Como você avalia o seu envolvimento pessoal com evangelismo em geral?

(1 para “não estou envolvido” e 5 para “estou muito envolvido”)

1() 2() 3() 4() 5()

7. Como você avalia o seu envolvimento pessoal com evangelismo dentro da cultura gaúcha?

(1 para “não estou envolvido” e 5 para “estou muito envolvido”)

1() 2() 3() 4() 5()

8. Como você avalia a sua condição de contribuir para que a sua igreja local tenha um maior envolvimento com a cultura gaúcha?

(1 para “não tenho condições” e 5 para “tenho plenas condições”)

1() 2() 3() 4() 5()

9. Como você avalia a participação de cristãos em CTGs.

(1 para “considero totalmente inadequado” ou 5 para “considero totalmente adequado”)

1() 2() 3() 4() 5()

10. Como você avalia o seu esforço pessoal para aprender a cultura gaúcha?

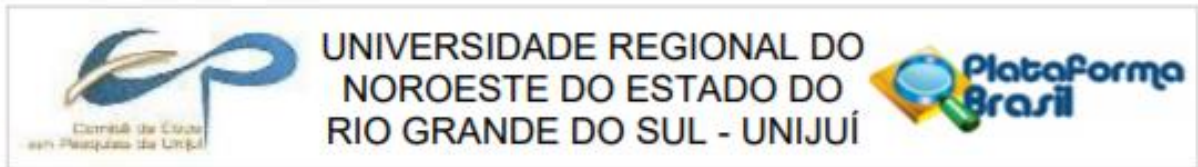
(1 para “não realizei nenhum esforço” e 5 para “me esforcei muito”)

1() 2() 3() 4() 5()

Agradeço muito as suas respostas. Elas serão usadas para a Pesquisa proposta, guardadas por um período de 5 (cinco) anos e depois serão incineradas. Você receberá a conclusão desta pesquisa de forma impressa para conhecer os dados conclusivos da mesma.

ANEXOS

ANEXO 1- PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A COMUNICAÇÃO DO EVANGELHO ENTRE A CULTURA GAÚCHA

Pesquisador: GABRIEL GIROTTO LAUTER

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 11561318.5.0000.5350

Instituição Proponente: ASSOCIACAO EDUCACIONAL BATISTA PIONEIRA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.345.395

Apresentação do Projeto:

Trate-se de um projeto de pesquisa para TCC do aluno GIOVANI SCHUBERT do curso de Bacharelado em Teologia da FACULDADE BATISTA PIONEIRA IJUÍ, Orientador: Me. Gabriel Giroto Lauter, tem como título: A DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A COMUNICAÇÃO DO EVANGELHO ENTRE A CULTURA GAÚCHA. A pesquisa será na área de Missiologia, tendo como foco a cultura gaúcha, com o objetivo de expor pontos de ligação da cultura para com o evangelho, bem como os desafios existentes no processo de comunicação entre a igreja e a cultura. Será realizada uma pesquisa de campo com a liderança das igrejas Batistas Pioneiras na regional Tchê.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primario

Avaliar qual o conhecimento e que importância a liderança das igrejas batistas pioneiras pertencentes à regional Tchê atribuem para os elementos da cultura Gaúcha.

Objetivo Secundário Analisar se os líderes reconhecem a importância de levar em consideração a cultura local na qual a igreja está inserida e que ações a igreja tem realizado para não permanecer desconectada do seu contexto cultural.

a) Compreender os símbolos e costumes do Movimento Tradicionalista Gaúcho. b) Analisar qual a relação da igreja com a cultura. c) Apresentar o a opinião de líderes de igrejas sobre a cultura gaúcha. d) Exibir formas de relacionar a pregação do evangelho com o tradicionalismo gaúcho. e)

Endereço: Rua do Comércio, 3.000

Bairro: Universitário

CEP: 98.700-000

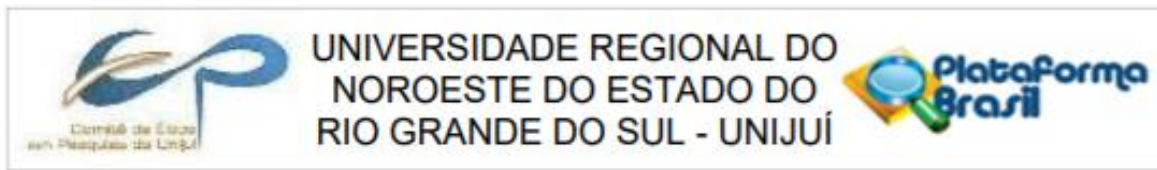
UF: RS

Município: IJUI

Telefone: (55)3332-0301

Fax: (55)3332-0331

E-mail: cep@unijui.edu.br



Continuação do Parecer: 3.345.395

Destacar os desafios e possibilidades para o envolvimento da Igreja com a cultura Gaúcha.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos

Conforme a Resolução Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016 que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Nesta pesquisa prevê-se que pode haver risco de constrangimento visto que as perguntas envolvem questões pessoais sobre o envolvimento da pessoa com a cultura Gaúcha. Há também o risco de não concordância com o tema resultando em recusa na participação.

Benefícios

Os benefícios relacionados aos cristãos, de forma direta, se dão por meio da conscientização da relevância da cultura Gaúcha, ao mesmo tempo demonstrando a necessidade de a igreja levar em conta a cultura na qual está inserida para alcançar de maneira efetiva a sociedade. Já para a comunidade em geral, a pesquisa poderá servir de incentivo para a conservação da cultura e história regional. Assim, a pesquisa contribui também para a descaracterização da cultura como algo separado da igreja, construindo uma visão local de missões através da cultura.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

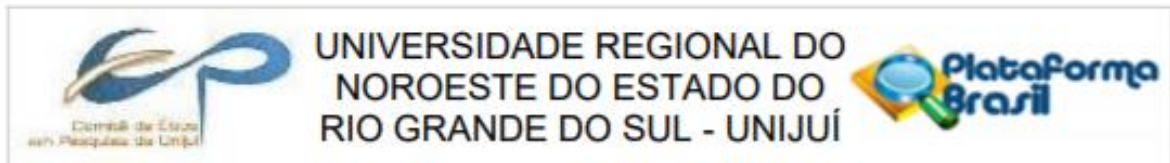
Embora esteja presente em um contexto cultural, muitas vezes a igreja se faz aparte do mesmo. Ou seja, não desenvolve uma visão do povo e da cultura local da mesma forma como ocorre quando missionários são enviados para outras culturas. O fato de que muitas igrejas batistas foram iniciadas por imigrantes alemães e italianos e não por missionários fez com que a cosmovisão cultural predominante entre as igrejas do Sul permanecesse étnica, não havendo uma preocupação em fazer parte da cultura onde a igreja está inserida

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO.

Crítérios de Inclusão: Ocupar algum cargo de liderança na igreja e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Crítérios de exclusão. Líderes que não assinarem o Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e os excedentes do numero da amostra.

Endereço: Rua do Comércio, 3.000	CEP: 98.700-000
Bairro: Universitário	
UF: RS	Município: IJUI
Telefone: (55)3332-0301	Fax: (55)3332-0331
	E-mail: cep@unijui.edu.br



Continuação do Parecer: 3.345.395

Metodologia Proposta.

É uma pesquisa atitudinal, quali-quantitativa, escalonadas, surveys amostrais, com estudos transversais em caráter experimental para relatórios exploratórios

Serão entrevistados 50 líderes da regional Tchê da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil. Os entrevistados terão entre 18 e 70 anos, de ambos os sexos e diversas raças, atingindo dessa forma grande parte da liderança de uma regional da Convenção Batista Pioneira. A entrevista será realizada no espaço de diversas igrejas que compõem uma regional. A autorização por escrito será conforme o modelo em anexo e solicitada ao presidente de cada igreja antes da realização da pesquisa.

Os 50 participantes serão escolhidos levando em consideração dois critérios: ocupação de liderança em algum cargo da igreja e a diversidade de faixas etárias seguindo o seguinte esquema 10 jovens, 30 adultos, 10 idosos. O excedente não poderá participar da pesquisa. Mesmo havendo mais líderes na regional.

Após realizada a pesquisa, será elaborado um relatório contendo os resultados obtidos. O relatório apresentará gráficos contendo os percentuais das respostas e também as sugestões apresentadas pelos entrevistados. Após a conclusão do trabalho, as pessoas entrevistadas receberão o relatório final por e-mail, sintetizando os resultados e contendo também práticas que podem ser desenvolvidas na igreja relacionadas a cultura

Gaúcha. Esta divulgação se dará contendo apenas a análise dos dados, sem especificar os nomes de quem participou da mesma, a fim de evitar qualquer constrangimento e comprometimento da dimensão ética.

Os envolvidos na pesquisa receberão em mãos, de forma impressa, o Termo de Sigilo dos Pesquisadores preenchido e assinado, o Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para ser preenchido e assinado e ainda o Instrumento de Coleta de Dados com 10 (dez) questões com escala tipo likert onde os pesquisados especificam seu nível de concordância com uma afirmação e uma questão descritiva. Este questionário foi produzido pelo Pesquisador, Giovani Schubert, e será manuseado por ele. Devido aos prazos de entrega do TCC, o questionário não pôde ser avaliado previamente em uma pesquisa piloto.

Antes de efetuarem a pesquisa, o TCLE será apresentado pelo pesquisador e as possíveis dúvidas

Endereço: Rua do Comércio, 3.000

Bairro: Universitário

CEP: 98.700-000

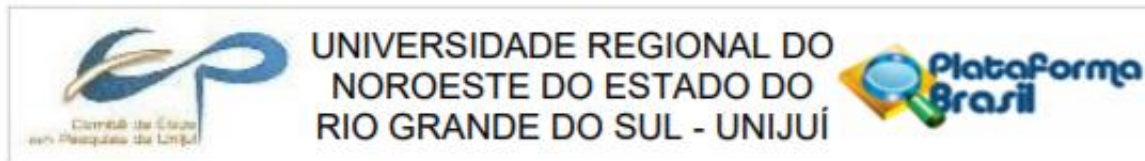
UF: RS

Município: IJUI

Telefone: (55)3332-0301

Fax: (55)3332-0331

E-mail: cep@unijui.edu.br



Continuação do Parecer: 3.345.395

serão esclarecidas pelos pesquisadores. Ao longo da Pesquisa todos os entrevistados terão acesso ao pesquisador através de seu e-mail e telefone descrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Terão assegurado o direito de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização

alguma e os dados repassados são mantidos em absoluto sigilo, preservando a privacidade de cada participante.

A divulgação final da pesquisa se dará mediante a apresentação em Banca do TCC do Pesquisador responsável pelas entrevistas. Todos os entrevistados terão acesso ao material na Biblioteca da Faculdade Batista Pioneira e receberão uma síntese por e-mail.

Mediante parecer da Faculdade Batista Pioneira, se não forem respeitados os compromissos firmados com os pesquisados, a pesquisa

ASPECTOS ETICOS

O pesquisado terá seu anonimato assegurado pelo entrevistador, o aluno Giovani Schubert; poderá se recusar a responder o questionário; não terá nenhuma despesa financeira com a entrevista; e as cópias escritas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente Projeto de Pesquisa, ficando os documentos sob a responsabilidade do pesquisador principal, por um período de cinco anos, arquivados na Biblioteca da Faculdade Batista Pioneira como arquivo morto, sendo após este período incineradas

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão todos anexados conforme determina a resolução 510 de 07 de abril de 2016

Recomendações:

Não há recomendações.

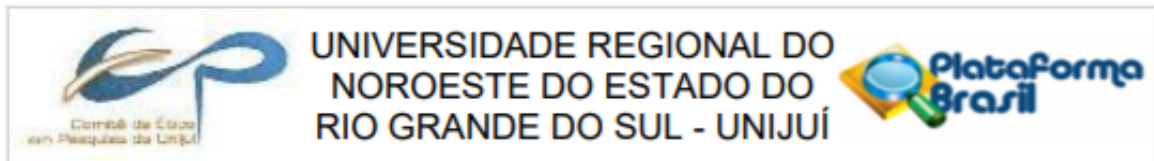
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há. Foram atendidas todas as pendências anteriormente recomendadas.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da UNIJUI de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Endereço: Rua do Comércio, 3.000	
Bairro: Universitário	CEP: 98.700-000
UF: RS	Município: IJUI
Telefone: (55)3332-0301	Fax: (55)3332-0331 E-mail: cep@unijui.edu.br



Continuação do Parecer: 3.345.395

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1263537.pdf	16/05/2019 23:39:57		Aceito
Outros	autorizacao_regional.jpeg	16/05/2019 23:38:41	GABRIEL GIROTTO LAUTER	Aceito
Outros	termo_sigilo_pesquisadores.docx	15/05/2019 23:04:30	GABRIEL GIROTTO LAUTER	Aceito
Outros	instrumento_coleta_dados.docx	15/05/2019 23:03:23	GABRIEL GIROTTO LAUTER	Aceito
Outros	termo_ciencia_orientador.pdf	15/05/2019 23:02:29	GABRIEL GIROTTO LAUTER	Aceito
Outros	termo_ciencia_faculdade.pdf	15/05/2019 23:01:58	GABRIEL GIROTTO LAUTER	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.docx	15/05/2019 22:58:51	GABRIEL GIROTTO LAUTER	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	15/05/2019 22:53:38	GABRIEL GIROTTO LAUTER	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	15/05/2019 22:50:54	GABRIEL GIROTTO LAUTER	Aceito
Outros	lattes_giovani_schubert.pdf	28/03/2019 16:11:48	GABRIEL GIROTTO LAUTER	Aceito
Outros	lattes_gabriel_lauter.pdf	28/03/2019 16:10:45	GABRIEL GIROTTO LAUTER	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

IJUI, 24 de Maio de 2019

Assinado por:
ALDEMIR BERWIG
(Coordenador(a))

Endereço: Rua do Comércio, 3.000
Bairro: Universitário **CEP:** 98.700-000
UF: RS **Município:** IJUI
Telefone: (55)3332-0301 **Fax:** (55)3332-0331 **E-mail:** cep@unijui.edu.br